

CENTRO ALPHA DE ENSINO  
ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE HOMEOPATIA  
LUCIANE COELHO SOARES

A HOMEOPATIA COMO OPÇÃO NA MANUTENÇÃO DA SAÚDE

SÃO PAULO  
2016

**LUCIANE COELHO SOARES**

**A HOMEOPATIA COMO OPÇÃO NA MANUTENÇÃO DA SAÚDE**

Monografia apresentada a ALPHA/APH  
como Exigência para obtenção do título de  
especialista em Homeopatia.

Orientador: Prof. Ms Mário Sérgio Giorgi

**SÃO PAULO**

**2016**

Soares, Luciane Coelho.

A saúde como opção do paciente / Luciane Coelho Soares -- São Paulo,  
2016.  
41f.

Monografia – ALPHA / APH, Curso de Especialização em Homeopatia.

Orientador: Prof Ms Mário Sérgio Giorgi

1. Homeopatia 2. Paciente 3. Saúde I. Título

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a minha família, que sabe acolher minha necessidade de aprender a cada dia mais.

## **AGRADECIMENTO**

Agradecemos ao Prof. Ms Mário Sérgio Giorgi, pela sua orientação, dedicação e paciência, sem os quais não seria possível a realização deste trabalho.

É mais importante saber que tipo de  
pessoa tem uma doença do que saber  
que tipo de doença a pessoa tem.  
Hipócrates

## RESUMO

A Homeopatia nasceu do descontentamento de Hahnemann, médico alemão, com os métodos e medicamentos utilizados pela medicina empregada em sua época e pela busca de uma medicina menos invasiva e eficiente. Seu desejo de uma medicação que promovesse a cura do paciente, não apenas na parte física, embasou-se nos conceitos de Hipócrates e no vitalismo. Dessa maneira, para se obter a cura do paciente é preciso entender sua doença do ponto de vista físico e psicomental. De acordo com a filosofia vitalista, todo ser humano é dotado de uma Força ou Energia Vital capaz de atuar na manutenção e recuperação do equilíbrio, apontado como o responsável pela saúde do paciente. Desta forma, utilizando princípios como o da semelhança, Hahnemann estudou substâncias que seriam capazes de despertar no organismo a doença em proporções mínimas, de modo a favorecer a reação e o trabalho da cura. Suas idéias foram organizadas após extensas pesquisas e vem comprovando, até os dias atuais, a possibilidade do paciente ser tratado em um caminho que culmina em sua saúde novamente. Acolher o ser humano como um todo, dentro da consulta homeopática, faz parte do tratamento, onde a doença não deve ser vista como um evento isolado e restrito ao corpo físico. O trabalho foi realizado a partir de uma revisão bibliográfica em livros tradicionais e meio eletrônico. Ao final, conclui-se que a Homeopatia e sua maneira de entender paciente e processo de doença e saúde podem oferecer ao ser humano uma maneira menos agressiva e um caminho direcionado para o bem estar e a cura.

Palavra chaves: Homeopatia, Tratamento homeopático, Paciente, Saúde.

## ABSTRACT

Homeopathy is born of discontent Hahnemann, a German physician, with the methods and drugs used in medicine employed in his time and the search for a less invasive and effective medicine. His desire for a medication that promotes the healing of the patient, not just the physical part, he underwrote the concepts of Hippocrates and vitalism. Thus, to obtain the patient's healing is necessary to understand their physical and disease psychomental view. According to the vitalist philosophy, every human being is endowed with a force or vital energy capable of acting in maintaining and restoring balance, appointed as responsible for the health of the patient. Thus, using the similar principles as Hahnemann studied substances which would be capable of awakening the body disease in minor proportions, in order to promote the reaction and the work of healing. His ideas were organized after extensive research and is proving, to the present day, the patient's possibility to be treated in a way that culminates in his health again. To accept the human being as a whole, within the homeopathic consultation is part of the treatment where the disease should not be seen as an isolated and restricted to the physical body event. The study was conducted from a literature review on traditional books and electronic media. Finally, it is concluded that homeopathy and his way to understand patient and disease and health process can offer to man a less aggressive way and a path directed to the well-being and healing.

**Key word:** Homeopathy, Homeopathic treatment Patient Health..



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1. PROPOSIÇÃO.....	11
2. HISTÓRIA DA HOMEOPATIA.....	12
2.1 Os princípios da Homeopatia.....	14
3. HISTÓRIA DA HOMEOPATIA NO BRASIL.....	20
4. A HOMEOPATIA E A VISÃO DE SAÚDE E DOENÇA.....	27
METODOLOGIA.....	35
DISCUSSÃO.....	36
CONCLUSÃO.....	38
REFERÊNCIAS.....	41

## INTRODUÇÃO

A Homeopatia, embora tenha surgido apenas no século XVIII, com o médico alemão Hahnemann, traz em si conceitos e noções filosóficas da era de Hipócrates, considerado o pai da medicina e de grande influência na área da saúde como um todo.

Incomodado com os métodos e tratamentos considerados invasivos e agressivos utilizados pelos médicos de sua época, o alemão, de espírito inquieto e através de extensas pesquisas, buscou em seus estudos formas diferentes não apenas de se tratar, mas também de se enxergar as doenças. Após clinicar por quase uma década, utilizando os métodos tradicionais da medicina, Hahnemann estuda de maneira sistemática os medicamentos e seus efeitos, sob a idéia de que semelhante pode curar semelhante. Seu primeiro experimento foi uma aplicação em si mesmo, após tradução de um texto médico falando sobre os efeitos da *China officinalis*.

Os princípios acerca dos quais o alemão estabeleceu a Homeopatia, o simillimum, a experimentação em indivíduo saudável, a dose única e a medicação isolada foram traçando o conhecimento que hoje norteia milhares de médicos no Brasil e no mundo, sua busca pela recuperação da saúde do paciente e não apenas o emprego que substâncias que combatam os sintomas oferece a todos uma maneira diferenciada de se lidar com o processo do adoecimento e também com a possível cura.

Dessa maneira, o presente trabalho busca apresentar a história da Homeopatia, que se confunde com a história pessoal de seu fundador; irá retomar brevemente o seu percurso no Brasil e esclarecer a visão de saúde e doença pela

Homeopatia, que constituem o caminho adotado pelo homeopata como uma opção da saúde para o paciente.

Fundamentando esta idéia estão os trabalhos de Roitman, Pustiglione e Luz. A pesquisa foi elaborada através de uma revisão bibliográfica em livros e revistas tradicionais, além de meio eletrônico. Conclui-se, ao final, que a visão de homem e de processo saúde-doença apresentados pela Homeopatia aproxima o ser adoecido de um caminho possível de cura e de recuperação da saúde.

## **1. PROPOSIÇÃO**

A Homeopatia, por seus pressupostos e modo de enxergar e trabalhar com o paciente, pode se constituir em uma opção pela saúde?

## 2. A HISTÓRIA DA HOMEOPATIA

A Homeopatia, enquanto ciência terapêutica, surgiu embasada pela lei natural de cura da similitude, ou *similia similibus curantur*, na tradução do latim: os semelhantes curam os semelhantes. Este enunciado foi seguido por Hipócrates, considerado o pai da medicina, que viveu no século IV, entre os anos de 460 a 377 antes de Cristo. Nas palavras do próprio Hahnemann (2007, p. 207), é possível se considerar a Homeopatia como uma aplicação terapêutica do “princípio da similitude”, no qual “encontramos a maior semelhança entre os sintomas observados em uma doença natural e os sintomas causados pelo medicamento homeopático mais apropriado e mais específico para essa doença”.

Mais de dois mil anos depois, portanto, dentro do século XVIII, no ano de 1790, na cidade de Meisser, o médico alemão Christian Friedrich Samuel Hahnemann (1755-1843) veio a desenvolver a Homeopatia. Fundamentada realmente sobre as bases da escola socrática, ela se tornou uma dissidência da medicina, formatando teoria e prática próprias.

Hahnemann discordava dos métodos terapêuticos da medicina tradicional considerados por ele como intervenções agressivas provenientes de teoria severa, onde predominava o total desconhecimento médico acerca das substâncias utilizadas nos medicamentos e também de seus efeitos. (PUSTIGLIONE, 2010, p. 22)

A medicina do século XVIII empregava medicamentos tóxicos e até mesmo venenosos, abusava das sangrias e intervenções cirúrgicas muitas vezes desnecessárias e sangrentas. Além disto, também utilizava drogas em excesso e

sem fundamentação científica. O principal objetivo da alopatia da época “era por para fora a doença”. (PUSTIGLIONE, 2010, p. 23)

Após oito anos de prática médica, Hahnemann abandonou a medicina e obteve o seu sustento fazendo traduções de matérias e textos médicos, aproveitando sua habilidade de poliglota. Ele também se empenhou em diversas investigações. (ROSENBAUM, 2005, p. 14)

Durante a tradução de uma matéria médica, escrita por Cullen, acerca de uma substância conhecida como Chinchona (ou *China Officinalis*), empregada no tratamento da malária, ele resolveu experimentar a substância em si mesmo, pois soube que indivíduos sadios haviam desenvolvidos sintomas muito próximos ao da malária consumindo tal substância. O experimento de Hahnemann consigo mesmo resultou em sintomas semelhantes à malária, cujo efeito cessava com a interrupção do uso da *China*. (PUSTIGLIONE, 2010, p. 22-23)

Desta forma, descobriu propriedades curativas da *China* e deparou-se com uma comprovação da máxima hipocrática acerca da cura pelos semelhantes. Na verdade, isto vinha na contramão da medicina da época, que defendia o princípio do contrário, ou *Contraria Contrariis*. Essa lei implica em admitir que o medicamento que cura o paciente produz nele efeitos análogos à doença, quando empregado na pessoa saudável.

Hahnemann, ao perceber os efeitos da *China* em indivíduo saudável, se lembra da máxima hipocrática, do século IV antes de Cristo:

A doença é produzida pelos semelhantes e pelos semelhantes que a produziram o doente retorna da doença à saúde. Desse modo, o que provoca a estrangúria que não existe, cura a estrangúria que existe. A tosse, como a estrangúria, é causada e curada pelo mesmo agente. (PUSTIGLIONE, 2010, p. 23)

As observações e experiências de Hahnemann se estendem a diversas outras substâncias consideradas medicinais, como é o caso da *ipeca*, *quinino* e da *beladona*, por exemplo, e suas considerações acerca da lei da semelhanças se confirma. Suas experiências foram realizadas com base na metodologia científica, sendo passíveis de reprodução. Em seu livro, o “Organon da arte de curar”, estão registradas as bases da homeopatia.

Como se pode ressaltar, a homeopatia surgiu da observação dos fatos e afirma que o organismo possui vias naturais de cura, fundamentadas na lei dos semelhantes. De acordo como próprio Hahnemann, dentro de um sistema médico deve haver um princípio onde “o mais alto ideal da cura é o restabelecimento rápido, suave e duradouro da saúde ou a remoção e a destruição integral da doença pelo caminho mais curto, mais seguro e menos prejudicial.” (HAHNEMANN, 2007, p. 39,)

## **2.1 Os princípios da Homeopatia**

Considerada uma especialidade médica e farmacêutica, a Homeopatia possui método próprio de pesquisa, seu sistema científico e filosófico se embasa no princípio vitalista. As drogas e medicamentos homeopáticos são frutos de experimentações clínicas e experiências em pessoas saudáveis, para somente então serem administradas em pessoas doentes.

Hahnemann foi um médico profundamente vitalista e assim teorizou sobre a Força Vital, em sua obra “Organon”, do parágrafo 9 ao 17:

A Força Vital, imaterial, mas corpórea, distinta do corpo e da alma, reina absoluta em todo o organismo. É ela que dá ao corpo seu dinamismo. Se o organismo material não possuísse Força Vital, ele não seria capaz de ter qualquer sensação, atividade e autoconservação.,

É esta Força Vital, onipresente no organismo, que inicialmente se em contra perturbada pela **influência dinâmica do agente mórbido hostil à vida**. Esta desarmonia da Força Vital só pode ser reconhecida pelos seus efeitos no organismo, através de manifestações patológicas, isto é, os sintomas. O desequilíbrio da Força Vital é a única causa das doenças. (apud ROITMAN, 2006, p. 32)

Por principio vitalista, adotado pela Homeopatia, entende-se uma doutrina filosófica onde se afirma a existência de um princípio vital distinto da alma e do corpo, que rege todas as funções orgânicas. Trata-se de uma força vital que anima os seres vivos e, em caso de ausência ou falência, explica a morte da pessoa. (LUZ, 1996, p. 22)

Caso ocorra um desequilíbrio nesta força vital, sensações desagradáveis e doenças podem surgir. Embora não tenha sido comprovada a sua existência pela ciência até os dias atuais, admite-se a proximidade com outras manifestações de energia de todos os seres vivos, como é o caso da energia calórica ou a bioelétrica. (LUZ, 1996, p. 35)

A Homeopatia, enquanto ciência, está fundamentada em quatro princípios básicos, a saber:

- a Lei dos Semelhantes;
- a experimentação em pessoa saudável;
- as doses mínimas e
- a medicação única.

Não é possível compreender a Homeopatia sem se entender estes quatro princípios.

A **Lei dos semelhantes e a experimentação em pessoa saudável** foi proposta inicialmente por Hipócrates, sendo observada por Paracelso e sistematizada por Hahnemann. Esta lei, em poucas palavras, apregoa que:

as substâncias que, em doses ponderáveis, tóxicas ou fisiológicas, forem capazes de provocar no indivíduo aparentemente sadio, porém sensível, um conjunto sintomático determinado, podem igualmente, em outros indivíduos doentes e sensíveis, fazer desaparecerem os sintomas semelhantes, se forem descritas em doses hipofisiológicas. (KOLLITSH, 1960, p. 38)

Durante a experimentação de substâncias medicamentosas em seres humanos saudáveis, o conjunto de sintomas, subjetivos, objetivos, mentais, gerais e locais obtidos é conhecido como patogênica. (...) É a coleta dos vários sintomas em vários indivíduos que fornece a **patogenesia** de uma substância. (ROITMAN, 2006, p. 28-29)

Hahnemann não fez uso de animais, porque cada espécie responde de modo diferente. A experimentação não pode ser realizada em animais porque a doença se manifesta em sinais objetivos, passíveis de observação, mas também subjetivamente, em sintomas e sensações. Se para um ser humano, por vezes, é difícil descrever sensações e emoções relacionadas a um determinado fato, no caso a doença, em animais este importante dado seria impossível de se obter e comprometeria, pois, ao diagnóstico. (PUSTIGLIONE, 2010, p. 32)

Roitman (2006) alega que:

O medicamento que, atuando sobre homens sãos, pode produzir mais sintomas semelhantes aos da doença cujo tratamento nos propomos, possui também, quando empregado em doses suficientemente atenuada, a faculdade de destruir de uma maneira rápida, radical e durável a totalidade dos sintomas desta doença, ou seja, a totalidade da doença. (ROITMAN, 2006, p. 27)

Após a administração da substância pesquisada, havendo sido a droga testada em doses tóxicas, hipotóxica ou dinamizada, os sintomas surgidos são compilados, quer sejam físicos, emocionais ou mentais.



Ao conjunto de manifestações apresentadas pelo indivíduo sadio e sensível, durante a experimentação da droga, foi dado o nome de patogenesia. A reunião dos quadros experimentais devidamente catalogados, ou patogenesias, constitui uma Matéria Médica Homeopática. (LUZ, 1996, p. 18)

Com relação às **doses mínimas**, inicialmente, porém, a pesquisa e experimentação de Hahnemann fez uso de doses elevadas, comuns a seu tempo. As reações a princípio podiam ser muito intensas, antes do organismo reagir favoravelmente. Como podia ocorrer uma agravação dos sintomas iniciais, muitos indivíduos abandonaram o tratamento. (PUSTIGLIONE, 2010, p. 33)

Intencionando diminuir estes efeitos negativos, na busca pela redução das reações, o médico alemão começou a diluir as doses em água e álcool, em centésimos progressivos, homogeneizando cada diluição através do procedimento que ficou conhecido por sucussão. “Quanto mais diluído e dinamizado for o medicamento homeopático tanto mais profunda e eficaz será sua ação. A quantidade da droga é inversamente proporcional à sua similaridade com os sintomas do doente”. (ROITMAN, 2006, p. 29)

A diluição das substâncias, com vistas a evitar sintomas negativos, ocorreu quando Hahnemann escolheu:

Diluir sucessivamente uma parte da substância medicamentosa (soluto) em noventa e nove partes de veículo (utilizou como solvente a água ou mistura de água e álcool), sucussionando, isto é, imprimindo vigoroso movimento vertical no frasco que contem a mistura, cem vezes em cada diluição. (PUSTIGLIONE, 2010, p. 24)

Aos poucos, Hahnemann foi diluindo cada vez mais os medicamentos e percebeu que obtinha resultados mais satisfatórios se também os agitava. Desta maneira, o médico alemão constatou a eficiência de doses infinitesimais e ainda dinamizadas.

Hahnemann diluiu, cada vez mais, as substâncias e começou a evidenciar que quanto maior se tornava a diluição, ou seja, com menor concentração química da substância, mais sintomas apareciam nas experimentações, inclusive os da ordem da percepção, das sensações, dos sonhos e das fobias. Evidenciando a existência de um outro elemento além do elemento químico tradicional despertado pelas diluições, o que hoje se chama de “princípio ativo”. (ESTRELA, 2006, p. 28).

Assim, o resultado da dinamização das doses fez Hahnemann perceber que, à medida que ocorria a diluição, mais energia era desprendida pela agitação. Ele conclui que a quantidade de substância empregada não era o mais importante, e sim a energia desprendida com o processo de diluição e agitação.

Os resultados surpreenderam o alemão, visto que a redução das agravações dos medicamentos foram observadas, enquanto o seu poder curativo aumentou. “A este processo, deu o nome de DINAMIZAÇÃO”. (PUSTIGLIONE, 2010, p. 24) Assim o médico alemão obteve curas mais rápidas e suaves.

Hahnemann estabeleceu como metodologia o teste de cada **medicamento de forma isolada** no homem sadio. Assim ele evitava interações de substâncias e individualizava o quadro sintomático em busca da semelhança. De fato, também no tratamento do homem adoentado, ele recomendava a utilização de medicamento único para combater todos os sintomas. O medicamento a ser escolhido deveria ser, portanto, aquele que contivesse o maior número de sintomas apresentados pelo paciente.

Conforme destaca Roitman (2006, p. 30) das recomendações feitas por Hahnemann (em sua obra “Organon”, parágrafo 273), “apenas um medicamento corresponderá ao quadro atual do doente. Este medicamento é chamado de **simillimum**. Quando o quadro muda e com ele os sintomas, deve-se rever sua totalidade e dar o *simillimum* deste novo estado”.

De acordo com Rosenbaum (2005, p. 23), este ponto aparece como uma divergência entre as várias escolas homeopatas de todo o mundo. A corrente unicista mantém a recomendação do médico alemão, quanto à medicação única. Já os pluralistas, a exemplo dos alopatas, emprega diversos medicamentos, de acordo com o grupo de sintomas relatados pelo paciente.

Os pluralistas, surgidos ao longo da história da Homeopatia, podem prescrever medicamentos diferentes, mas que devem ser preparados em frascos separados. Todos os outros princípios estabelecidos por Hahnemann são seguidos, ou seja: a lei dos semelhantes, as doses mínimas e a experimentação em homem saudável. (ROSENBAUM, 2005, p. 23)

### 3. HISTÓRIA DA HOMEOPATIA NO BRASIL

A Homeopatia chegou no Brasil oficialmente através do médico francês Benoit Jules Mure, no ano de 1840. Residindo a princípio no sul do país, em 1859 ele fundou o Instituto Hahnemaniano do Brasil, na cidade do Rio de Janeiro. “As tinturas e substâncias utilizadas na homeopatia vinham da Europa e os próprios médicos manipulavam-nas, dada a inexistência de farmácias especializadas”. (FONTES, 2013, p. 08)

Luz (1996) relata que a inserção da homeopatia na sociedade brasileira visou a implantação de escolas, institutos e serviços ambulatoriais e enfermarias, buscando legitimar a sua prática e o seu saber. Para tanto, foram promovidos diversos debates.

Todavia, existe uma disputa pela primazia da introdução da Homeopatia no Brasil pelo também homeopata francês, Émile Germon, “autor do primeiro texto homeopático publicado no Brasil, no ano da morte de Hahnemann (Manual Homeopático Médico, 1843)” (PUSTIGLIONE, 2010, p. 38).

Conforme aponta Luz (1996), a homeopatia se apresentava como:

uma dissidência médica, que apresenta a si própria como uma racionalidade terapêutica moderna, como um saber vitalista de vanguarda, baseado na física e na fisiologia não mecanicistas”. Seus seguidores propunham uma grande reforma da medicina da época, as quais consideravam “tradicional”, “superada”, “ineficaz”, “cruel”, “sem princípios” etc. Afirmavam que os institutos homeopáticos iriam conduzir essa reforma, que sua clínica estaria destinada a aliviar as dores da humanidade mais sofredora, ou seja, dos mais pobres. Esse período é regado a muita polêmica e embates bastante calorosos por parte tanto dos homeopatas quanto dos médicos da medicina clássica. (LUZ, 1996, p. 12)

É possível, para título de estudo, dividir a história do desenvolvimento da Homeopatia no Brasil em seis momentos distintos, compreendendo avanços e retrocessos em sua aceitação, a saber:

- 1) período da implantação que foi de 1840 a 1859;
- 2) período de expansão e resistência, entre os anos de 1860 a 1882;
- 3) período de resistência, nos anos de 1882 a 1900;
- 4) período áureo, entre 1900 e 1930;
- 5) período de declínio acadêmico, que foi de 1930 a 1970 e
- 6) período de retomada social, entre os anos de 1970 a 1990.

Luz (1996, p. 13) afirma que, entre os anos 1840 a 1859, a sociedade reconhece a legitimação da homeopatia, embora não seja oficializada no país. Entre os que a reconheciam e buscavam a sua ajuda estava a população excluída, como era o caso dos escravos.

De acordo com Fontes (2013, p. 08), “por volta de 1851, a Escola Homeopática do Brasil, sob forte pressão dos farmacêuticos, aprovou a separação da prática médica da prática farmacêutica”. Mas somente no ano de 1886, surge uma lei atribuindo apenas aos farmacêuticos o direito de manipulação de medicamentos.

O próximo período, anos de 1860 a 1882, Luz (1996, p. 13), se refere como sendo alcançados sinais de expansão e ao mesmo tempo resistência. A aceitação foi maior entre as classes consideradas populares e se estendeu a diversas partes do país, inclusive com implantação de ambulatórios gratuitos. Os acadêmicos de medicina e os alopatas persistiam em boicotar o novo saber e prática.

Embora defendessem com menos ardor do que Benoit Mure, uma nova geração de médicos brasileiros se converte à homeopatia. Nas suas reivindicações

e defesas, consta a admissão dessa modalidade nas faculdades de medicina oficiais, ao invés de permanecer como uma proposta de fundação de escola contrapondo o ensino oficial vigente na época. (LUZ, 1996, p. 13)

O movimento criou revistas acadêmicas direcionadas ao conhecimento homeopático, visando alcançar a manifestação científica da homeopatia entre os brasileiros. Outro acontecimento importante foi a aprovação, por decreto imperial, dos estatutos do Instituto Hahnemanniano do Brasil (IHB), em 17 de julho de 1880. “O IHB continua atuando congregando homeopatas de todo o Brasil até os dias de hoje, caracterizando-se como uma das associações médicas mais antigas de nosso país” (PUSTIGLIONE, 2010, p. 39).

O terceiro momento da história da homeopatia no Brasil, entre os anos de 1882 e 1900 despertou nos médicos homeopatas uma resistência grande aos ataques dos órgãos oficiais, em especial a Junta de Higiene Pública, posteriormente denominado Diretoria Geral de Saúde Pública, dirigida pelo renomado sanitarista Osvaldo Cruz, em princípios do século vinte (LUZ, 1996, p. 15).

Neste período, onde ressaltava na medicina a revolução pasteuriana e da higiene pública sanitarista, estudos, congressos, encontros de intercambio nacional e internacional ocupam os médicos homeopatas e intensificam a produção científica entre esses profissionais. (LUZ, 1996, p. 15)

A seguir houve um período considerado áureo e compreendeu os anos de 1900 e 1930, onde grandes conquistas aconteceram dentro da ciência. O ensino da homeopatia, através de duas Faculdades de Medicina Homeopática, respectivamente criadas no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul e diversas ligas homeopáticas pelos estados brasileiros vieram recompensar as constantes

perseguições e restrições aos homeopatas. Destaque neste período também para o papel dos farmacêuticos e suas boticas homeopáticas, segundo Luz (1996, p. 17)

Pustiglione (2010) destaca ainda neste período que,

Em 1929 um jovem médico formado pela Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, com curso de especialização em Homeopatia realizado na Hahnemann Medical College, A Filadélfia, é convidado para ser assistente de Murinho Nobre. Este homeopata paulista destacou-se pela prática e por suas pesquisas sobre o câncer. Seu nome ESTEVAM JOSÉ DE ALMEIDA PRADO” (PUSTIGLIONE, 2010, p. 42)

De 1930 a 1970, a situação foi oposta e houve um declínio acadêmico da homeopatia no Brasil, inclusive com a perda da Faculdade e do Hospital homeopáticos no Rio de Janeiro. Segundo Luz (1996, p. 19), os avanços e conquistas da medicina tradicional e a expansão farmacêutica alopática, além da medicina hospitalar e das especialidades médicas acabam por relegar a homeopatia, a clínica geral e a medicina preventiva e voltada para o social a um plano menos favorecido e valorizado.

Durante o período conhecido como Estado Novo, entretanto, a Homeopatia se firma novamente considerada de utilidade pública. Convênios são estabelecidos com sindicatos e previdências. O rádio foi utilizado como recurso para divulgação e manutenção de clientela. (LUZ, 1996, p. 20)

A partir de 1965 surgiram leis específicas para a farmácia homeopática, até que, finalmente, pelos esforços de médicos e farmacêuticos, por meio do Decreto nº 78.841, de 25 de novembro de 1976, foi aprovada a parte geral da primeira edição da *Farmacopeia homeopática brasileira*. Em 1980, com a Resolução nº 1000/80, a homeopatia foi reconhecida pelo Conselho Federal de Medicina como especialidade médica. (FONTES, 2013, p. 08)

A retomada social da homeopatia ocorreu a partir dos anos setenta. Essa medicina é considerada e vista como terapia alternativa ao modelo médico alopático,

instituído sobre especialidades, tecnologia, comercialização e terapias invasivas e iatrogênicas (LUZ, 1996).

O Conselho Federal de Medicina reconhece, em 1980, a Homeopatia como especialidade médica, no dia 28/06/1980, Resolução 1000/80: (CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA/ATAS, 1980). Ao mesmo tempo, a Associação Médica Brasileira e o Ministério de Educação e Cultura, instituem, a nível de *lato sensu*, o Curso de Especialização em Homeopatia para Médico.

Nas palavras de Pustiglione (2010):

O conselho Federal de Medicina, pela Resolução 1000, inclui a Homeopatia entre as especialidades médicas reconhecidas, estabelecendo em 1982 instruções para obtenção de títulos de especialista em Homeopatia, consubstanciando denominação que vinha desde o Código Sanitário do Império de 1886. (PUSTGLIONE, 2010, p. 40)

Esses passos importantes permitiram avanços nas políticas e ações em saúde, juntamente com a ampliação da oferta de serviços homeopáticos no recém criado sistema público de saúde, conhecido como SUS.

O final do século XX trouxe maiores espaços e legitimação da homeopatia junto ao sistema de saúde do Brasil, como consequência de todos os esforços e iniciativas dos próprios profissionais de saúde, tanto médicos homeopatas quanto gestores do sistema público.

No Congresso Brasileiro de Homeopatia, realizado em Gramado (RS) em 1988, foi aprovada uma moção que culminou com a publicação do *Manual de normas técnicas para farmácia homeopática*, editado pela Associação Brasileira de Farmacêuticos Homeopatas (ABFH) em 1992. Esse manual foi aperfeiçoado três anos depois, contando com a colaboração de farmacêuticos de todo o Brasil, por meio de relatórios de grupos de estudos, trabalhos científicos, revisões bibliográficas e encontros regionais. (FONTES, 2013, p. 08)



Na virada do século, em 2002, a Organização Mundial de Saúde (OMS) incentiva a formulação de políticas públicas de saúde que incluam medicinas complementares e alternativas no sistema público, com vistas a favorecer a emprego racional garantindo maior qualidade, eficiência e segurança. A OMS publica esta resolução no documento “Estratégia da OMS sobre Medicina Tradicional 2002-2005”.

O início da reforma sanitária no sistema público de saúde no Brasil, em 2003, por solicitação da sociedade civil organizada, faz com que o Ministério da Saúde estabeleça, juntamente com o seu corpo técnico, um grupo de trabalho composto por representantes das sociedades científicas, profissionais de saúde e gestores do SUS. O objetivo é elaborar a Política Nacional de Medicina Natural e Práticas Complementares para o SUS.

Dentre os saberes abrangidos neste trabalho essa política incluía a Homeopatia e a Acupuntura/Medicina Chinesa, ambas reconhecidas pelo Conselho Federal de Medicina. Além destas, também tiveram espaço as práticas terapêuticas como a Fitoterapia e a Medicina Antroposófica.

O ano de 2004 marcou 1º Fórum Nacional de Homeopatia no SUS, intitulado: “A homeopatia que queremos implantar no SUS”, realizado pelo Ministério da Saúde. Municípios e estados onde a homeopatia já havia sido implantada no sistema público de saúde (SUS) participaram do fórum, juntamente com universidades públicas, instituições onde havia a formação para a homeopatia e representantes dos usuários de homeopatia. A proposta foi discutir a implantação adequada da homeopatia no SUS.

Em 2004 também culminou a:

Realização do primeiro Programa de Mestrado de toda a história da Homeopatia. Oferecido de 1999 a 2004 pelo Departamento de Homeopatia da faculdade de Ciências da Saúde de São Paulo, sob a coordenação dos Homeopatas Professores Leoni V. Bonamin e Marcelo Pustiglione. Em março de 2002 formou os primeiros 18 mestres e em março de 2004 formou a segunda turma com 23 alunos. (PUSTIGLIONE, 2010, p. 42)

Entretanto, apenas em 2006 é publicada a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares do Sistema Único de Saúde. Isto se deu através da “Portaria 971, de 03.05.2006, do Ministério da Saúde inclui a Homeopatia na Política Nacional de Práticas Integrativas e complementares (PNPIC) do Sistema Único de Saúde (SUS)”. (PUSTIGLIONE, 2010, p. 41)

#### 4. A HOMEOPATIA E A VISÃO DE SAÚDE E DOENÇA

Desde o seu princípio, a Homeopatia apresentou uma visão diferenciada da doença e, conseqüentemente, da saúde ou recuperação dela. Fundamentada em importantes conceitos, como o *similium* e o vitalismo, também foi organizando a consulta de um ponto de vista diverso da medicina alopática. (FONTES, 2012, p. 26)

Toda a sintomatologia apresentada pelo paciente durante a queixa, seja ela física, mental ou emocional, deve ser anotada e considerada pelo médico homeopata. A medicação deverá ser escolhida de acordo com o que melhor coincidir com as queixas manifestadas pelos pacientes. Este será o *simillimum* do paciente. Desta maneira, “a indicação de um medicamento homeopático depende das características pessoais e reacionais do paciente. Ele tratará o paciente como uma unidade corpo-mente, que recebe continuamente influências dos ambientes natural e social”. (ROSENBAUM, 2005, p. 124)

Refletindo sobre a colocação acima, é possível entender que, como afirma Canguilhem (1994 apud ROSENBAUM, 2005, p. 126), “neste caso, a enfermidade não está em algum lugar do homem, está nele todo, é o homem todo”. Portanto, o médico homeopata, ao procurar ouvir o seu paciente e compreendê-lo o mais globalmente possível, está buscando e oferecendo a ele a probabilidade de uma cura mais completa.

Em verdade, a Homeopatia recomenda que em sua prática os sintomas patológicos sejam analisados considerando-se também as particularidades trazidas pelo paciente, visto que a especialidade acredita na singularidade de todo processo de adoecer. “Pela aplicação do princípio da similitude, a homeopatia evidencia a

unicidade dos indivíduos e a singularidade dos processos de adoecimento. Cada ser é único e sua forma de adoecer é singular”. (FUTURO, 2008, p. 18)

Segundo Rosenbaum (2005),

o tipo de medicina montado por Samuel Hahnemann na transição dos séculos XVIII e XIX, influenciada pelo romantismo e pelas filosofias naturalistas dos alemães Goethe (1749-1832) e Schelling. (1775-1854) retomava um aspecto central: a singularidade do sujeito como uma questão básica para a medicina. Nasceu, portanto, dentro do movimento literário romântico, fazendo renascer o vitalismo como filosofia médica. (ROSENBAUM, 2005, p. 34)

Os movimentos a que se refere Rosenbaum (2005, p. 34) acima buscavam resgatar o sujeito e agiam como um contraponto ao racionalismo “do iluminismo francês, quanto à redução mecanicista que subtraiu o sujeito. (e toda a individualidade) das fronteiras da ciência”. Passaram décadas, recentemente voltaram a se destacar dentro de uma medicina que observa o sofrimento humano dentro da angústia existencial como presente no cerne do adoecer.

Dentro do conceito de vitalismo na Homeopatia de Hahnemann, “os sintomas não têm valor absoluto. O foco recai menos na patologia e muito mais na peculiar relação que o sujeito desenvolve com sua doença”. (ROSEMBAUM, 2005, p. 34).

Trata-se da pessoa sendo colocada antes e acima da própria doença por ela sofrida. Na concepção dos médicos homeopatas entende-se que:

O Vitalismo homeopático não se apresenta como um sistema explicativo das doenças e suas causas, mas como um sistema racional e experimentalista da arte de curar doente. O indivíduo doente é o ponto de partida clínico e o objeto epistemológico básico do sistema homeopático. Trata-se de outra racionalidade médica (LUZ, 1996, p. 18).

Partindo, assim, do conceito de energia ou força vital, Hahnemann visou explicar as doenças. Considerando que esse elemento é essencial a todo ser vivo e

pode manter o seu equilíbrio, proporcionando saúde e funcionalidade. Nas palavras do criador da Homeopatia:

Essa força vital conserva a saúde ao manter todo o organismo funcionando de modo equilibrado e harmonioso, mas ao se desequilibrar devido a forças externas físicas ou psíquicas, altera as sensações e funções do organismo com conseqüente adoecimento do sujeito".(HAHNEMANN, 1921 apud LUZ, 1996, p. 18).

Assim, entender o procedimento do médico homeopata requer compreensão do fazer homeopático e de sua visão de doença, de saúde e de homem. De acordo com Pustiglione (2010):

em 1796, ao adotar o vitalismo como método para concepção do processo saúde-doença e conferir ao indivíduo doente a condição de AGENTE REATIVO e não passivo neste processo, e, além disso, ao de demonstrar experimentalmente que as substâncias naturais são capazes de desequilibrar o estado de saúde do homem, Hanemann lança mão de conceitos hipocráticos clássicos (como o da *vis medicatrix naturae, doença artificial e natural e tratamento pelo semelhante*) para dar forma e conteúdo à prática médica racional que propunha. (PUSTIGLIONE, 2010, 34-35)

Pelo exposto acima, se percebe que um pensamento filosófico iniciado séculos antes de Hahnemann influenciaram as suas idéias e devem ser estudados para se compreender a Homeopatia em si. O vitalismo, tal qual apresenta Hipócrates, para Luz (1996):

é a doutrina filosófica que admite um princípio vital distinto tanto da alma como do corpo, estando na dependência deste princípio as funções orgânicas. Nesta concepção o corpo físico dos seres vivos é animado e dominado por um princípio imaterial chamado *força vital*, cuja presença distinguiria o ser vivo dos corpos inanimados e sua falta ou falência determinaria o fenômeno da morte. (LUZ, 1996, p. 22)

O princípio vital (ou vitalismo) corresponde, então, a uma força vital necessária a vida e ao bem estar dos seres vivos. Sua ausência ou

descompensação corresponde à doença ou desequilíbrio orgânico que se percebe através dos sinais e sintomas relatados pelo paciente.

Portanto, o medicamento homeopático é uma forma de energia que atua sobre a Energia Vital dos seres vivos. A dose diminuta prescrita pelo homeopata, não é mera diluição ou atenuação da droga forte. Ela é o que se chama potência, isto é, algo que possui poder. (LUZ, 1996, p. 23)

O medicamento homeopático, a julgar pelo exposto acima, tem a propriedade principal de auxiliar (ou despertar) no organismo a energia vital que lhe é própria e que está diretamente relacionada à capacidade de todo ser humano de se reabilitar ou recuperar o equilíbrio que lhe mantém saudável.

Introduzindo em doses mínimas no organismo o agente capaz de produzir os sintomas dos quais se quer curar, a Homeopatia possibilita uma luta para se vencer a doença e fortalecer contra os agentes responsáveis pelo mal. Trata-se de trabalhar para refazer a harmonia. Conforme Roitman (2006, p. 32), “a Força Vital, sendo uma energia, somente poderá ser influenciada por outra forma de energia. O agente hostil, material ou não, pela sua presença e **ação energética**, perturba a harmonia da Força Vital”.

Obviamente, se a força vital é uma energia, ela não é visível aos olhos humanos e nem através de um microscópio. Sua presença só pode ser confirmada através da ação dela manifestada em sensações e funções. No caso da doença, inicialmente, é difícil perceber qualquer alteração no organismo. No entanto, essa força vital padece de maneira passiva as consequências da perturbação na harmonia. A esse ponto inicial onde ocorre modificações na energia vital,

Segue-se uma segunda fase onde a Força Vital reage àquela **ação primária** através dos **sintomas cujo conjunto caracteriza a doença dinâmica que é a única maneira de se reconhecer sua desarmonia ou desequilíbrio**. (...) Este é o momento em que a doença se inicia. (ROITMAN, 2006, p. 33)

Roitman (2006, p. 33) acima expõe o momento em que o ser humano passa pela fase descrita como **incubação**. A reação ativa da Força Vital é responsável pela produção dos sintomas, que, por sua vez, constituem a doença tal qual se conhece. Como se deduz, os sintomas são, na verdade, reações do organismo visando expelir a doença. Portanto, são fenômenos de cura.

Roitman (2006, p. 33) conclui que “a cura tem um sentido **centrifugo** no organismo, isto é, de dentro para fora. Conclui-se ainda, e isto é extremamente importante, que **não há diferença entre os sintomas da doença e os da cura**”. O autor afirma que a diferença entre os fenômenos vitais responsáveis pela manutenção da saúde e os presentes na doença é uma questão de graduação. Segundo ele:

**Os fenômenos patológicos são uma exarcebação ou uma depressão dos fenômenos naturais.** Pode-se dizer assim: **o organismo adoece para se curar.** Todos os sintomas, agudos ou crônicos, representam sempre uma tentativa da Força Vital em restabelecer a saúde. (ROITMAN, 2006, p. 34)

Como se vê a visão homeopática do adoecer e da saúde convergem para a manifestação da Força Vital presente em todos os organismos vivos e responsável pela manutenção da vida humana. Dessa maneira, ao trabalhar com estes conceitos, os medicamentos homeopáticos se voltam na direção da saúde para combater a doença, oferecendo ao paciente essa possibilidade. Ao contrário da medicina alopática, por exemplo, que se aplica sobre os sintomas com a utilização dos contrários para se obter a cura.

Hahnemann, em seu Organon, afirma que:

A doença é a expressão através dos sintomas da alteração dinâmica (energética) da Força Vital (parágrafo 12)

O medicamento homeopático produz uma doença artificial semelhante à natural (parágrafo 105), porém mais forte que ela (parágrafo 48) obrigando a Força Vital desarmonizada a empregar maior energia para voltar ao equilíbrio.

Isto acontece porque o organismo não admite ao mesmo tempo duas doenças semelhantes sem que a mais fraca seja obrigada a ceder diante da mais forte (parágrafo 45). (apud ROITMAN, 2006, p. 35)

Obter a cura do paciente corresponde, para a Homeopatia, em reestabelecer o equilíbrio dessa energia vital da qual ele é portador, resultando, por sua vez, em recuperação da saúde. Esse pensamento difere da medicina alopática que cuida das doenças “com medicamentos sintomáticos que resultaria apenas na supressão dos sintomas e na perpetuação do desequilíbrio da energia vital, agravando e dando continuidade ao processo de adoecimento”. (FUTURO, 2008, p. 20).

Pelo exposto acima, para a alopatia ao conceito de cura está sedimentado no desaparecimento dos sintomas, enquanto a homeopatia considera eficaz um tratamento embasado em critérios de avaliação do equilíbrio da energia vital do paciente, fundamentada não apenas na remissão dos sintomas, mas na “evidência de uma mudança no padrão de interação do sujeito com o meio biopsicossocial”. Em outras palavras: a melhora física deve ocorrer concomitante com o equilíbrio psíquico “evidenciado por meio do equilíbrio nas suas funções como o sono, o apetite, a demonstração de um bem estar interior e da sua disposição para a vida e suas relações” (FUTURO, 2008, p. 20).

Adoecer, para a Homeopatia é um processo que ocorre ao longo de toda a vida do ser humano, desde a vida intrauterina, ocorrendo:

por uma sucessão de eventos e tendências mórbidas que vão se apresentando em todo o ser, em diferentes partes do corpo, órgãos ou sistemas e a mente. Manifesta-se como um único “fio condutor”, ou seja, diferentes manifestações de um desequilíbrio da energia ou força vital do ser, apesar dos diferentes diagnósticos que poderemos fazer ou denominar. (FUTURO, 2008, p. 21)



Acreditam os homeopatas que “o poder curativo do medicamento homeopático reside no fato dele poder produzir **sintomas semelhantes** e energeticamente **mais fortes** que os da doença natural”. (ROITMAN, 2006, p. 27)

Não se deve esquecer que, tanto para se considerar a saúde quanto para avaliação da doença, a Homeopatia considera não apenas o estado físico, mas igualmente o psíquico dos pacientes, visto entender que sua harmonia se entende à totalidade de seu ser. Desta maneira, ela define saúde por:

um estado de equilíbrio dinâmico que abrange as realidades física e psicomental dos indivíduos em suas interações com o ambiente natural e social. A doença reflete, mediante os sintomas, o esforço da força vital na tentativa de restabelecer o equilíbrio. (FONTES, 2012, p. 26)

Ao contrário do médico alopata, o paciente é considerado em sua totalidade dentro da consulta homeopática. Isto porque a Força Vital o abrange por inteiro e acredita-se na influência de cada um de seus níveis sobre o outro, tanto na manutenção da saúde quanto na constituição da doença.

Não apenas o corpo físico, pois, adoece, mas também o emocional e o mental, visto que esses são os três níveis dinâmicos que se pode identificar no ser humano. Sobre todos eles age a Força Vital na manutenção do equilíbrio. Desta maneira, acredita-se que “o homem pensa por meio do seu nível mental, sente por seu nível emocional, age pelo seu nível físico e encontra-se coeso em seus três níveis pela ação integradora da força vital”. (FONTES, 2012, p. 27)

Essa maneira de enxergar o paciente, a visão de homem da homeopatia, é apresentada por Hahnemann da seguinte forma:

O sujeito é para Hahnemann retrospectivo e prospectivo. Retrospectivo porque a cada uma das vivências pelas quais passou configura e delimita sensibilidades e suscetibilidades especiais, dignas de ser usadas de duas

formas: enquanto categoria medicamentosa para escrutinar semiologicamente os sintomas e enquanto instrumento propedêutico para fazer, quando for necessário, uma pedagogia, ou seja, interferir nos hábitos que, de alguma forma, podem produzir danos clínicos para o paciente. Prospectivo porque tais vivências serão usadas também para saber das “potências prospectivas” dos sujeitos, de suas aspirações, de sua imaginação, enfim de seu estar no mundo “poeticamente”, criativamente” (ROSENBAUM, 2005, p. 126)

Dessa maneira, a homeopatia pode ser entendida como uma medicina voltada para o sujeito e a oferecer-lhe uma opção voltada para a saúde integral.

## **4. Metodologia**

O presente trabalho se fez através de uma pesquisa bibliográfica referendada em livros e revistas tradicionais e meio eletrônico. Sua população alvo são estudantes de farmácia e leigos de modo geral.

## DISCUSSÃO

A medicina alopática tem tratado milhões de pessoas por todo o mundo e merece o respeito de qualquer profissional da saúde ou não. Embora parta de princípios diferentes, a exemplo da Homeopatia, busca restaurar a saúde do paciente. Enquanto a primeira trata os sintomas, num processo de fora para dentro, a segunda busca atingir a causa e sua medicação procura ativar o próprio organismo para se defender.

Essa maneira singular de lidar com o processo do adoecimento e também com a cura caracteriza o pensar e o fazer homeopático. Como se viu, Hahnemann discordava dos procedimentos agressivos e invasivos da medicina tradicional, cujo objetivo principal “era por para fora a doença”, de acordo com Pustiglione (2010, p. 23)

Comparando as duas formas de medicina, a alopatia se baseia no princípio do contrário, enquanto a homeopatia se adequa ao princípio da semelhança. A primeira espera expulsar a doença; a segunda se organiza dentro de um sistema onde “o mais alto ideal da cura é o restabelecimento rápido, suave e duradouro da saúde ou a remoção e a destruição integral da doença pelo caminho mais curto, mais seguro e menos prejudicial.” (HAHNEMANN, 2007, p. 39)

Analisando as duas maneiras de se tratar o paciente, é possível observar que a medicina tradicional ou alopática visa combater a doença, ao passo que a homeopatia aposta no caminho da saúde para tratar.

Outra diferença marcante que se pode comparar entre a medicina alopática e a homeopatia diz respeito à visão de homem embutida nelas. Isto porque, tradicionalmente, o médico anota e se preocupa com os sintomas apresentados pelo paciente, mas não oferece muito espaço ou atenção na queixa para a subjetividade

do paciente. Já na homeopatia, como se sabe e segundo os autores estudados, “a indicação de um medicamento homeopático depende das características pessoais e reacionais do paciente” (ROSENBAUM, 2005, p. 124).

A indicação, portanto, é para que se trate o paciente como um todo, onde mente e corpo estão intimamente e definitivamente interligados, com influência mútua de uma parte sobre a outra. Isto vem na contramão do pensamento cartesiano, onde se supõe que mente e corpo possam ser dissociados. Observe-se que, para o médico homeopata, esta divisão só existe a título de estudo, não devendo ser considerada nenhuma das partes como independente.

A visão holística do ser humano adoecido parece vir de encontro ao pensamento de Hipócrates, quando este afirma da necessidade de se olhar primeiro para o homem e depois para a doença. Ou seja: maior do que qualquer doença é o paciente como um todo e esta maneira de analisar o quadro patológico está presente na homeopatia. Entende-se que isto demonstra perfeita coerência, visto que, se o organismo é capaz de reagir aos sintomas da doença, provocado dentro do sistema de semelhança, se deve considerar o todo. Assim se tem mente e corpo agindo junto na busca da cura, na direção da saúde.

Assim o médico homeopata entenderá o seu paciente dentro da unidade corpo e mente, onde ele “recebe continuamente influências dos ambientes natural e social” (ROSENBAUM, 2005, p. 124). Dentro dessa crença ou visão do ser humano, a homeopatia organizou a consulta de uma maneira distinta da tradicional medicina. (FONTES, 2012, p. 26). A atenção dispensada ao paciente procura englobar os diferentes pontos de sua vida, respeitando as sinalizações de sentimentos e emoções, assim como a própria visão do sofrimento e perspectivas de cura.

Vale ressaltar neste ponto que, considerar como importante as reações do paciente à doença e também ao procedimento de cura implica em aceitar sua participação em todo o processo, desde o adoecer até o recuperar da saúde. Significa dizer que a medicação é parte do caminho, assim como a atenção do médico e ainda a disposição interna do paciente na busca pela cura.

Neste ponto da discussão vale lembrar o princípio da força vital apregoado pela homeopatia. Presente em todo o ser humano e em seu organismo, essa força seria a mantenedora da saúde, correspondendo a doença a um desequilíbrio.

Se a força vital, como afirma Fontes (2012) é o que mantém coeso mente, emocional e físico no ser humano, a medicina tradicional ou alopática não consegue atingir de maneira direta essa força integradora, visto que sequer a considera em seus procedimentos. Ao contrário da homeopatia que parte do princípio da existência dessa força vital responsável não apenas pela manutenção da saúde, como da própria vida.

É bem provável que a questão possa ser restrita, com boa probabilidade de compreensão, a nível científico, visto que a medicina alopática se preocupa com o comprovável, com experiências repetidas e devidamente mapeadas. Quanto à homeopatia, o pressuposto da força vital pode ser observado pelos seus efeitos, embora não possa ser documentado mesmo nos exames mais sofisticados.

Acreditar no ser humano como um todo complexo e amplo, onde o subjetivo também deve ser compreendido e respeitado, além de considerado é o que caracteriza a homeopatia como uma ciência que busca oferecer a saúde como opção do ser adoecido.

## CONCLUSÃO

Saúde e doença são possibilidades do existir humano, assim como corpo e mente estão interligados e não podem ser separados, apesar da divisão cartesiana. Se o homem já conseguiu quantificar muito do que diz respeito ao seu organismo, com relação à matéria sutil de energia da qual se sente a existência, os cientistas ainda não puderam atestar, através de seus instrumentos. Entretanto, para os homeopatas, essa parte indissolúvel da vida humana, liberada apenas na sua morte, é velha conhecida e nomeada como Força ou Energia Vital.

Como se viu durante a realização deste trabalho, o pensar e o fazer homeopata está diretamente ligado à esse energia vital. É certo ainda que mente e corpo coexistem no processo saúde ou doença e que se afetam mutuamente. Enquanto a medicina persistiu, de modo mais veemente por séculos, no estudo e compreensão dos componentes físicos, muitas vezes, se deparou com interrogações sem resposta em suas pesquisas.

Entretanto, à medida que se aceita e se investiga melhor a influência da mente-psiquismo no adoecer ou se manter saudável, uma nova perspectiva se abre. E a energia vital permeia toda a compreensão destes processos.

A Homeopatia, como se viu, não se fixou apenas no estudo dos sintomas, pois constatou que muitos dos procedimentos médicos eram bem mais invasivos do que curativos. E, acima da doença, existe sempre o indivíduo que sofre e precisa ser considerado como um todo. Afinal, a saúde só é possível enquanto totalidade do ser e optar por esse caminho implica em percorrer a via dos sintomas e sinais da doença, que servem como um indicativo do caminho, mas necessitam de considerar também as partes subjetivas do ser.

Se curar significa devolver ao paciente o equilíbrio físico e mental perdido, como se viu neste trabalho, isso só pode ser obtido se o considerarmos como um todo. Combater uma doença – ou optar pela saúde – só é possível indo de encontro a ela e não apenas lutando contra os seus sintomas. Mais do que atacada, uma doença precisa ser compreendida e isto corresponde a entender o ser que sofre.

Neste ponto, a consulta homeopática, que busca conhecer o paciente de maneira mais ampla, oferece ao médico detalhes cruciais na compreensão do processo que causou o desequilíbrio ou o adoecer do paciente. E, se a cura pode vir da Natureza, como apregoavam os gregos, e o homem é parte integrante dela, todo processo de tratamento e cura pode ocorrer de modo menos invasivo e mais natural.

Outro ponto importante destacado neste trabalho diz respeito à homeopatia e sua preocupação preventiva. Saúde pode ser preservada do mesmo modo que a doença pode ser evitada. Trata-se do adoecer por ele ser uma realidade humana, mas é de suma importância cuidar do fortalecimento e prevenção das doenças. Ao abranger o ser humano como um todo, a Homeopatia cuida e restabelece e até mesmo mantém o seu equilíbrio. Fortalecido este estado, a pessoa terá mais recursos para que o seu organismo e mente reajam a novos desequilíbrios ou ameaças deles.

Se a Homeopatia não pode evitá-los de todo, ao menos poderá amenizar o seu alcance. Conforme se viu, o acolhimento do homeopata, durante a consulta, por si só já pode despertar a confiança e oferecer algum conforto ao paciente . prescrever-lhe medicamentos menos agressivos e mais naturais é devolver ao paciente não apenas a saúde, mas a opção de mantê-la.

A importância de se lidar, através do medicamento homeopático, com a energia sutil que intermedia todo o ser humano, é trabalhar e despertar uma força



curativa no próprio organismo desequilibrado. É destacar a vitalidade com a qual todo ser humano vem dotado.

Parece, de fato, lógico que, se ao invés de proceder de modo mais agressivo, o médico pode lançar mão de medicações que auxiliem o reequilíbrio do organismo, ele estará empregando, alegoricamente, falando, suavidade para transformar o transtorno, calma para substituir a tempestade.

Não desmerecendo, de modo algum, o conhecimento e os avanços e recursos da medicina alopática, a Homeopatia se constitui um caminho legítimo e plenamente válido para se cuidar do ser humano e oferecer-lhe a opção da saúde. A amplitude do tema, no entanto, sugere maiores estudos e mais aprofundamento para que se obtenha conhecimento para trabalhar a questão de modo a resultar em mais benefícios para os pacientes.

## REFERÊNCIAS

ESTRELA, Walcymar Leonel. **Integralidade no cuidado nas medicinas naturais: a resposta do usuário ao medicamento homeopático**. Instituto de Medicina Social. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2006.

FONTES, Olney Leite. **Farmácia homeopática: teoria e prática**. 4ª ed rev. e atual.. São Paulo: Editora Manole, 2012.

FUTURO, Débora Omena. **Fundamentos da Homeopatia**. Departamento de Ciências Farmacêuticas. Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

HAHNEMANN S.. **Exposição da doutrina Homeopática** ou Organon da arte de curar. 4ª. Ed. Brasileira. São Paulo: GEHSP Benoit Mure, 2007.

LUZ, M. T. **A arte de curar versus a Ciência das Doenças** - História social da homeopatia no Brasil. São Paulo: Dynamis Editorial, 1996.

PUSTIGLIONE, M. **O Organon da Arte de Curar de Samuel Hahnemann para o século 21**. São Paulo: Organon, 2010.

ROITMAN, Cláudio. **Tratado breve e abrangente de Homeopatia**. São Paulo: Organização Andrei Editora LTDA, 2006.

ROSENBAUM, Paulo. **Homeopatia: medicina interativa, historia lógica da arte de curar**. Rio de Janeiro: Imago, 2005.